

SAGAS DE FAMÍLIAS E CIVISMO ROMANO NA NARRATIVA LIVIANA

Breno Gomes de Lima Amorim¹

Resumo: Os exemplos individuais de um membro de uma *gens*, apresentados por Tito Lívio (59 a.C -17 d. C.), são essenciais na construção de um manual de civismo para os cidadãos de sua época. A falta de disciplina do cidadão é resultado da atenção dada à riqueza e ao luxo e, conseqüentemente, este afrouxamento dos costumes faz com que os indivíduos reneguem sua própria pátria, colocando em evidência os interesses individuais e desprezando os interesses da república. Assim, Lívio instrui seus contemporâneos, a partir de feitos familiares, para indicar a importância de imitação dos comportamentos dos homens e mulheres que se destacaram pela temperança, piedade, virtude e todos os costumes engendrados pelo passado romano. A imitação de atitudes de homens e mulheres virtuosos é a condição essencial para Roma recuperar a sua glória perdida, vista na observação das normas políticas, militares e religiosas. Para Tito Lívio, a família constitui um elemento fundamental na construção e formatação do civismo romano, pois este elemento social possibilitou a narração de *gentes* que fizeram engrandecer o nome de Roma. Destarte, procuramos neste trabalho relacionar a contribuição de narrativas de famílias na história exemplar de Tito Lívio.

Palavras-chave: Tito Lívio, Narrativas, Famílias.

Para Tito Lívio, a família constitui um elemento fundamental na construção e formatação do civismo romano, pois este elemento social possibilitou a narração de *gentes*² que fizeram engrandecer o nome de Roma. Destarte, procuramos neste capítulo relacionar a contribuição de narrativas de famílias na história exemplar de Tito Lívio.

Os exemplos individuais de um membro de uma *gens*, apresentados por Tito Lívio, são essenciais na construção de um manual de civismo para os cidadãos de sua época. A falta de disciplina do cidadão é resultado da atenção dada à riqueza e ao luxo e, conseqüentemente, este afrouxamento dos costumes faz com que os indivíduos reneguem sua própria pátria, colocando em evidência os interesses individuais e desprezando os interesses da república. Assim, Lívio instrui seus contemporâneos, a partir de feitos familiares, para indicar a importância de imitação dos comportamentos dos homens e mulheres que se destacaram pela temperança, piedade, virtude e todos os costumes engendrados pelo passado romano. A imitação de atitudes de homens e mulheres virtuosos era a condição essencial para Roma recuperar a sua glória perdida, vista na observação das normas políticas, militares e religiosas.

¹ Aluno do Programa de Pós Graduação em História – UFCG. E-mail: breno.limas@hotmail.com.

² Traduz-se por famílias, plural de *gens*: “Conjunto de pessoas que pelos varões se ligam a um antepassado comum, varão e livre” (FARIA, 1991, p. 239).

Tito Lívio acredita que a família é o lugar ideal onde se cultiva as tradições e onde o civismo é dado atenção por primeiro. Nesta perspectiva, são as famílias que possibilitam a formação e identidade do povo romano. Pierre Grimal (1993, p. 299) define família (*gens*) como um grupo social que, na Roma arcaica, se considerava descendente de um antepassado comum. Com o decorrer do tempo, a *gens* dividiu-se em *familiae*, cada uma delas caracterizada por um *cognomen* (apelido) hereditário (Os Cornelli, por exemplo: Cornelli Scipionis, Cornelli Cethegi, Cornelli Lentuli, etc). Grimal (1993, p. 299) ressalta que a família romana do tempo arcaico vive em uma sociedade rural, onde o pai de família é considerado o chefe da casa e tem domínio sobre os demais.

A família romana é constituída de um *pater familias* que exerce o papel de chefe para todos que estão sob suas ordens e faz observar os bons costumes de seu povo. Estão sob a tutela do *pater familias*: a mulher, os filhos, clientes e escravos. Quando um pai de família morre ele designa seu filho como continuador de chefe de família. A mulher era sempre considerada inferior ao seu marido.

No século II a.C., a sociedade patriarcal entra em declínio. Carcopino (1990, p. 99) analisa como caducou a estrutura familiar centrada no pátrio poder e como esta foi substituída por uma relação recíproca de direitos naturais, como pode ser percebido nas alterações dos rituais de casamento. No período da realeza e da república, o casamento era dado através de uma cerimônia em que a mulher se tornava posse de seu marido, por meio da *manus* (mão) masculina. No período imperial já não existe a ideia de posse por meio da *manus*. O casamento, neste período, acontece através de um ritual onde os noivos mostram aos pais seu desejo de viverem juntos. Este desejo é dado de forma recíproca e o homem já não exerce qualquer influência de posse sobre sua mulher. Depreende-se, portanto, que a família do tempo áureo do império é constituída pelas relações humanas (*coniunctiu sanguinis*).

A seguir, apresentaremos a narrativa de duas famílias que se apresentam na I década da Ab Urbe Condita Libri. Os horácios e os quíncios se destacam nesta I década pelos seus feitos em favor do bem público, em detrimento de seus interesses pessoais.

GENS HORÁCIA

Analisaremos a *gens* Horácia através dos seguintes personagens: 1. Os irmãos horácios que vencem uma batalha contra os curiácios (I, 26), 2. Marco Horácio Pulvilo (II, 8), 3. Quinto Horácio Cocles (II, 10) e Marco Horácio Barbato (III, 39).

No que se refere aos feitos da família Horácia, reportamos, primeiramente, em Tito Lívio (I, 25) a narrativa sobre a batalha dos horácios e curiácios. Numa batalha feita por meio de um tratado junto ao *pater patratus*³, onde três irmãos lutariam por Alba, os curiácios, e três por Roma, os horácios. Tito Lívio conta que quando os dois horácios morreram e os romanos tinham perdido as esperanças em vencer a batalha, o irmão sobrevivente lutou com tanta coragem e vigor que conseguiu derrotar seus inimigos. “Os romanos acolheram Horácio com gritos de alegria e reconhecimento, tanto maiores quanto a causa estivera realmente em perigo” (TITO LÍVIO, II, 25). Portanto, a família Horácia é apresentada, na escritura liviana, a partir de seu respeito e coragem para com a pátria.

O conflito entre os horácios e curiácios tem seu clímax quando a irmã de Horácio chora ao ver seu noivo morto, um curiácio que portava nos ombros uma túnica feita por aquela que seria sua esposa. A situação de pânico da horácia se contrastava com a alegria dos romanos pela vitória conquistada. O jovem guerreiro, ao ver que sua irmã não deu importância a glória de Roma, matou-a. Tito Lívio (I, 26) se utiliza do discurso direto para expressar a cólera de Horácio: “Vai-te com teu amor insano, vai unir-te ao teu noivo, tu que esquece teus irmãos, os mortos e o vivo, tu que esqueces tua pátria! Assim morra toda a romana que chorar um inimigo”.

Tito Lívio indica que a jovem morta não deve ser um exemplo digno de imitação, pois ela personifica o vício de colocar em primeiro lugar o bem particular, em detrimento do bem público. A jovem faltou com respeito para com seu pai, seus irmãos e, principalmente, para com a pátria.

Tito Lívio expressa que o assassinato ocasionado pelo jovem é fruto de seu temperamento imoderado. Neste sentido, “para Tito Lívio, emergiria a necessidade do cultivo da moderação, predicado que disciplina e ordena o elemento impulsivo/instintivo da natureza humana” (ANTIQUERA, 2008, p. 76). O jovem Horácio não foi poupado de ser julgado pelo crime cometido. Tito Lívio indica que a lei romana era observada com rigidez, mesmo contrariando as decisões populares.

O rei Tulo Hostílio não quis ser responsável pelas consequências do julgamento e nomeou dúunviros para julgar o caso de Horácio. O que estava em questão era o crime de lesa majestade, pois esse jovem teria traído os interesses do estado. Assim, a situação lhe impediria de ser julgado por Públio Horácio, seu *pater familias*. Lívio conta que os dúunviros decretaram a morte do filho de Públio Horácio e ordenou ao lictor que executasse a sentença.

³ O *pater patratus* é o chefe da delegação dos feciais cuja missão era garantir, pela forma corrente, a inviolabilidade do tratado. (PEIXOTO, 1989, p. 52)

No entanto, o lictor, baseado na sugestão de Tulo Hostílio, pediu apelo e foi travado um debate. No debate, o pai do acusado “declarou que achava justo o assassinio de sua filha, pois do contrário teria usado do pátrio poder para castigar o filho. Suplicava ao povo, que o vira outrora cercado por uma família respeitável, que não lhe arrebatasse o último de seus filhos” (TITO LÍVIO, II, 26). Lívio conta que o povo ficou admirado pelo discurso do pai e pela coragem do filho. Mesmo Horácio sendo absolvido, não ficou impune de seu ato. O pai deveria fazer um ritual de sacrifício, no intuito de purificar a mácula da família. Tito Lívio (II, 26) diz sobre o ato de purificação que “Após esses sacrifícios expiatórios, que passaram a ser tradicionais na família dos Horácios, o pai colocou uma trave de um lado a outro da rua e obrigou o filho a passar com a cabeça coberta sob aquela espécie de jugo”. Segundo Tito Lívio, os atos de imoderação, como o do jovem Horácio, não devem servir de *exemplum* para o cidadão.

O segundo personagem da *gens* Horácio, apresentado por Tito Lívio (III, 8), é o cônsul Marco Horácio Pulvilo. No livro III, Lívio já fala do tempo republicano, Roma já não é governada por reis. Marco Horácio Pulvilo é nomeado cônsul após a morte de Espúrio Lucrécio, que não foi digno de memória nos escritores antigos, por não ter feito nenhum ato notável. Os cônsules Marco Horácio Pulvilo e Valério Públicola decidiram, em sorteio, quem consagraria o templo de Júpiter Capitolino e quem iria para a guerra contra os veientes. Pelo sorteio, o Horácio ficou responsável de consagrar o templo, mas os amigos de Valério não queriam que este tomasse conta de um ato tão significativo. No momento em que estava celebrando o ritual de consagração, foram comunicar-lhe que seu filho havia falecido. O cônsul pediu para que providenciassem o enterro e continuou a cerimônia. Tito Lívio (II, 8) diz que “a tradição não fornece elementos para afirmar-se com segurança, e não é fácil deduzir-se, se ele teria desconfiado da veracidade da notícia ou simplesmente demonstrado força moral”. O que é importante notar é o fato de que a morte de um membro de uma família tornava impura tanto a casa onde o falecido residia, quanto seus moradores (PEIXOTO, 1989, p. 117). Lívio mostra o cônsul como um *exemplum* a ser imitado, pois se mostrou respeitoso com o ritual a ser observado, já que sabia das tentativas dos amigos de Valério em impedi-lo de realizar a referida cerimônia.

Quinto Horácio Cocles é a figura apresentada por Lívio como digna de imitação pela bravura e pela coragem ao enfrentar o inimigo. Tito Lívio (III, 10) chega a dizer que o referido personagem é “o baluarte da salvação de Roma”. Horácio Cocles pode ser definido desta maneira pela bravura com que defendeu o povo romano ao proteger a ponte Sublícia da presença do inimigo, os etruscos. Desta forma, este personagem é exaltado por Tito Lívio

devido a seu amor à pátria. Ao se lançar as águas do rio Tibre, Cocles rogou a proteção do venerável pai Tiberino e “dizendo isso, precipitou-se com suas armas no Tibre. Apesar da chuva de dardos que lançaram sobre ele, conseguiu nadar e chegar incólume junto aos seus, façanha audaciosa, mais digna de admiração do que de crédito”. Podemos perceber que Horácio Cocles é um homem valoroso, proveniente de uma família plena de virtude, que credita sua feição para com a pátria.

Para Tito Lívio, Marco Horácio Barbato foi outro nome valoroso da *gens* Horácia. Este senador criticou as atitudes tirânicas dos decênviros, ao qual chamou de “os dez tarquínios”. Como veremos a seguir, esta atribuição, dada aos decênviros, refere-se ao rei Tarquínio, o soberbo. Este Horácio se põe como defensor da república ao censurar os decênviros e advertir de que as famílias Valéria e Horácia ajudaram a expulsar o rei tirânico. “O que então se odiava não era o nome de rei, título oficial de Júpiter, de Rômulo, fundador de Roma, e de seus sucessores, nome que a religião havia conservado na solenidade de seus sacrifícios. O que se odiava era a arrogância e a tirania” (TITO LÍVIO, III, 39).

Tito Lívio mostra como a *gens* Horácia era defensora da república romana. Homens como Marco Horácio Pulvilo, Quinto Horácio Cocles e Marco Horácio Barbato foram homens ilustres que possibilitaram a grandeza de Roma e, portanto, seus atos são *exempla* dignos de imitação.

GENS QUÍNCIA

A saga da família Quíncia é o eixo central dos acontecimentos reportados no livro III. Esta *gens* é apresentada por Tito Lívio como digna de imitação, pois seus membros são portadores de uma gama de virtudes indispensáveis: o seguimento às normas, a parcimônia e a dignidade campesina, por exemplo.

Ceso Quíncio era filho de Lúcio Quíncio Cincinato e tinha mais dois irmãos. Este personagem destaca-se por sua rivalidade contra os plebeus. Tito Lívio descreve este personagem como adequado ao ideal aristocrático da *virtus*, por sua deferência nas conquistas políticas e militares. Todavia, o temperamento deste não contribuía para uma convivência pacífica entre patriciado e a plebe:

Havia um jovem chamado Ceso Quíncio, orgulhoso de sua linhagem bem como de seu físico e de sua força. A essas dádivas dos deuses havia ele acrescentado brilhantes feitos na guerra e eloquentes discursos no Fórum, de tal modo que não se encontrava em Roma quem o superasse, nem com a palavra, nem com o braço (TITO LÍVIO, III, 11).

Ceso Quíncio é caracterizado como o jovem imprudente e que não se mostra a favor da Lei Terentília, que foi proposta pelo tribuno da plebe Caio Terentílio. Enquanto os patrícios tentavam protelar a aprovação da lei, os plebeus resistiam às ordens dos cônsules ao se recusarem em guerrear contra os volscos e équos. Conforme Tito Lívio, (III, 10): “Os tribunos bradavam diante do Fórum que aquela guerra dos volscos não passava de uma comédia da qual participavam os hérnicos. Já não se oprimia a liberdade do povo romano pela força, mas tentava-se burlá-la com uma farsa”. A situação narrada indica a falta de harmonia entre as ordens, ou seja, patrícios e plebeus se rivalizavam, de um lado os tribunos da plebe, e do outro Ceso Quíncio, o líder dos patrícios.

Tito Lívio considera a imprudência de Ceso Quíncio como um elemento próprio da juventude, quando afirma que o seu ardor e a audácia pela república estavam atenuando com o passar dos tempos, enquanto a falta de prudência estava sendo deixado de lado. Em contrapartida, o historiador considera que a velhice simboliza a experiência de vida e a prudência nos atos: “Os mais velhos quase não participavam de um movimento que não era comandado pela prudência, onde se permitia toda temeridade e audácia” (TITO LÍVIO, III, 12). Seria, portanto, a moderação uma virtude própria da experiência de vida.

A perseguição de Ceso Quíncio contra os plebeus levou Aulo Virgínio, um tribuno da plebe, a acusá-lo de assassinato. Este fato fez com que o líder patrício agisse com mais ira sobre seus inimigos. Assim, o tribuno apresentou o projeto de lei para provocar temor em Ceso e ainda o comparou com Tarquínio, o Soberbo. Conforme Antikeira (2008, p. 76):

A natureza de Ceso Quíncio, feroz e impiedosa, seria igualmente frágil, na medida em que a caracterização da personagem expõe a presença de *impetus* (o impulso, que conduz os indivíduos a cederem face às pressões externas) enquanto elemento componente de suas atitudes.

Nesse sentido, as atitudes de Ceso Quíncio contra os plebeus se daria pelo *impetus* provocado por Aulo Virgínio.

Antes do dia do julgamento, alguns patrícios apoiaram a causa de Ceso. Entre os apoiadores estava Tito Quíncio Capitolino, que já havia sido três vezes cônsul e “recordava seus próprios feitos e os de toda família, acrescentando que entre os Quíncios, nem mesmo em Roma, jamais existiria um caráter tão íntegro e virtudes tão precoces” (TITO LÍVIO, III, 12). É possível notar que Ceso Quíncio é visto por Tito Lívio como um indivíduo de uma *gens* romana valorosa.

Tito Lívio (I, 13) conta que o tribuno da plebe Marco Vólscio Fictor acusou Cesó de ter matado o irmão de Fictor na Subura⁴. Este fato fez com que Aulo Virgínio decretasse a prisão do jovem. Os patrícios protestaram da sentença de Virgínio, alegando que o jovem não devia ser preso antes da condenação e, por conseguinte, recorreram aos outros tribunos para que ele não fosse preso. De acordo com as resoluções dos tribunos, Cesó pagou fiança e partiu para o exílio na Etrúria e seu pai, Lúcio Quíncio, teve que vender todos seus bens, passando a viver na pobreza à margem direita do Tibre.

O pai de Cesó Quíncio, Lúcio Quíncio Cincinato, é apresentado na narrativa liviana como um *exemplum* digno de imitação. Lúcio Quíncio assumiu o consulado após a morte de Públio Valério Públicola e fez um discurso que convenceu a plebe a participar da guerra contra os volscos e os équos. Todavia, os tribunos da plebe tentavam impedir a participação dos plebeus no confronto. Ao falar sobre este caso, Tito Lívio (III, 20) mostrou como o período em que vivera estava em decadência por não obedecer às prescrições religiosas: “Mas a indiferença religiosa de nosso século ainda não se havia manifestado. Não se usava de sutileza para acomodações de ordem pessoal diante do juramento e da lei. Ao contrário, as ações se acomodavam à lei”. Percebe-se que Tito Lívio considera que o momento em que vivera estava mais corrompido que qualquer outro da história romana, pois nem a lei era mais respeitada. Destarte, Lívio mostra como os tribunos ficaram apavorados com a notícia de que suas decisões iriam ser anuladas caso os áugures fossem enviados ao lago Regilo para a consagração de um *templum*⁵.

Tito Lívio enxerga Lúcio Quíncio Cincinato como o cidadão romano que é zeloso para com a república. Destarte, Lúcio se nega a se candidatar a cônsul no ano seguinte para respeitar o decreto do senado, que estava sendo desconsiderado pelos tribunos da plebe. Tito Lívio (I, 21) diz que Lúcio proferiu um discurso onde se dirigiu aos senadores nos seguintes termos: “Vós, que deveríeis servir de modelo aos outros e dar ao povo o exemplo de vossa integridade, seguis os maus exemplos da plebe”. Nesta perspectiva, Lúcio mostra-se observador das normas jurídicas ao decidir não se candidatar a cônsul e ao admoestar os senadores para que sejam homens honrosos.

Tempos depois, no conflito entre romanos e sabinos, o cônsul Minúcio não conseguiu conter a invasão do inimigo que sitiou o seu acampamento. Tito Lívio (III, 26) diz que a notícia de invasão ao acampamento gerou terror e agitação em Roma e, para resolver a

⁴ “Bairro mal afamado no tempo de Tito Lívio, situado entre o Quirinal, o Viminal e o Esquilino”. (PEIXOTO, ano, p. 218)

⁵ Espaço consagrado aos deuses (FARIAS, 1991, p. 540).

situação, era necessária a nomeação de um ditador. O ditador nomeado foi Lúcio Quíncio Cincinato. Sobre este ponto, Tito Lívio (III, 26) afirma: “Aqueles homens que tudo desprezam no mundo, exceto a riqueza, e acreditam que a honra e o mérito só existem no meio da opulência, deveriam meditar sobre o exemplo que se segue”. O historiador romano faz referência à situação humilde em que vivia Lúcio Quíncio por conta das atitudes imoderadas de seu filho. Para Lívio, a virtude era obtida por meio da parcimônia e não por meio do culto ao luxo e à riqueza.

Quando os emissários do Senado chegaram ao Prado de Quíncio, encontraram o futuro ditador trabalhando em atividades agrícolas. Com este ato, Tito Lívio indica que Lúcio Quíncio Cincinato é um homem que cultivava a simplicidade e não dá atenção à riqueza. Desta forma, os emissários pedem para que ele vestisse a toga para escutar a notícia que seria dada para seu bem e para o bem da república. Ele, por sua vez, pede para que sua mulher, chamada Hersília fosse buscar a toga e, assim, escutou que seria o novo ditador de Roma.

Lúcio Quíncio Cincinato organizou o exército e obteve vitória sobre os équos. Nesta perspectiva, o ditador recebeu as devidas honrarias próprias de um general, pois, conforme Tito Lívio (III, 29): “Naquela época um bom general era sempre obedecido e honrado por seus comandados”. Lívio percebe que em seu tempo o costume de prestar honrarias e obedecer àqueles que fazem engrandecer a glória de Roma já não existia. A narrativa sobre Lúcio Quíncio indica seu efeito pedagógico: fazer perceber os *exempla* de um passado glorioso como essencial na reconstituição dos valores romanos em seu tempo. Tito Lívio (III, 29) descreve as honrarias que recebeu o ditador e seu exército nos seguintes termos:

Em Roma, o Senado foi convocado por Quinto Fábio, prefeito da cidade, e decretou que Quíncio e suas tropas entrassem em triunfo na cidade. À frente de seu carro marchavam os generais inimigos com suas insígnias militares, e atrás dele o exército carregado de despojos. Dizem que foram colocadas mesas em frente de todas as casas e que os convivas, estimulados pela alegria do banquete, acompanharam o carro do ditador entoando cânticos de triunfo e proferindo gracejos, comuns em tais solenidades.

Podemos perceber que a narrativa de Tito Lívio sobre Lúcio Quíncio Cincinato revela um tom patriótico em que coexiste, ao mesmo tempo, a parcimônia e o respeito aos costumes antigos. Para Bonjour, (*apud* ANTIQUEIRA, 2008, p. 93): “a simplicidade da personagem ilustra a duplicidade que o autor almejava vislumbrar na narração entre o cidadão e a pátria romana, terra paternal que se labuta, por um lado, comunidade cívica que se defende, por outro”. Portanto, a característica dessa personagem ilustra as maiores virtudes do povo romano, que se origina no seio de uma *gens* valorosa.

Conforme a apresentação das famílias Horácia e Quíncia, podemos afirmar que Tito Lívio construiu uma imagem do passado que se fundamentava nos exemplos. Desta forma, podemos dizer que, por meio de sua narrativa, os exemplos ficavam plenos de sentido. Um tipo de história que seleciona seus personagens e suas tramas para incutir em seus leitores certa lição de moral. A História de Roma é guiada por personagens que possuem certas características morais e que fizeram engrandecer a *Urbs*. Assim fala Tito Lívio: “Se minha paixão por este empreendimento não me engana, nenhuma outra nação foi maior, mais religiosa e mais rica em bons exemplos” (TITO LÍVIO, PREFÁCIO). Os personagens que o historiador seleciona se articulam, portanto, com o moralismo que se fazia presente em sua época, “visto que se avaliava o caráter de um indivíduo a partir de um quadro em que se distinguiam virtudes morais e políticas e os vícios a elas correspondentes” (ANTIQUÊIRA, 2008, p. 162).

BIBLIOGRAFIA

Fonte:

TITO LÍVIO. *História de Roma*. Trad.: Paulo Matos Peixoto. São Paulo: Paumape, 1989. (Vols. I).

Referências bibliográficas:

ANTIQUÊIRA, MOISÉS. *Moderatio tuendae libertatis: moderação, exempla e poder na história de Tito Lívio*. Dissertação de mestrado em História Social. São Paulo, USP, 2008.

CARCOPINO, Jérôme. *A vida quotidiana em Roma no apogeu do Império*. Trad.: António José Saraiva. Lisboa: Livros do Brasil, s/d.

FARIA, Ernesto. *Dicionário escolar latino português*. Rio de Janeiro: FAE, 1991.

GRIMAL, Pierre. *A civilização romana*. Trad.: Isabel St. Aubyn Lisboa: Edições 70, 1993.